

REFLEXÃO

O brasileiro, antes e depois dos 500 Anos

DOM EDUARDO KOAIK

Para tratar desse assunto provocante tomo como principal referência o precioso documento reconhecido, hoje, como sendo a "Certidão de Nascimento do Brasil". É a carta de Pero Vaz de Caminha, um dos escrivães da esquadra de Pedro Álvares Cabral, conhecida por "Crônica do Achatamento". Descrição primorosa e de beleza literária, em linguagem de cinco séculos atrás. Não há quem leia esse relato do descobrimento do Brasil e não admire o deslumbramento do escrivão com as florestas, os rios, os bichos e, particularmente, com a figura dos índios, considerados pacíficos, gentis, hospitaleiros e fortes.

Paisagem, verdadeiramente, paradisíaca. Segundo o testemunho de Caminha: "A terra é de muitos bons ares, frescos e temperados. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem". Seus habitantes são "de bons rostos, bons narizes e bem feitos... Moram em casas de madeira, cobertas de palha... dormem em redes". Ao chegar nas caravelas os descobridores foram recebidos "sem aros e sem nada". De suma importância o que Caminha ainda atesta: Os índios "vieram-se logo a nós sem se esquivarem, abraçavam-se conosco e folgavam... Andavam mais mansos e seguros entre nós do que nós andávamos entre eles... Eles não lavram nem criam nenhuma ali-maria... Não comem senão desas inhame e dessa semente e frutos que a terra e as árvores de si lançam. E por isso andam tais e tão rijos e tão nédiros que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos".

Diante desse quadro comovido, temos a confessar com certo constrangimento, os brasileiros do descobrimento faziam inveja aos brasileiros de hoje. Certo: eram mansos, fortes, pacíficos e acolhedores. Falamos, hoje, de um Brasil de imensas riquezas naturais, orgulhamo-nos de



nossas obras faraônicas, oitava potência econômica do mundo, mas o povo, na sua maioria, não usufrui desse progresso: 63% da renda nacional concentra-se em mãos de 20% da população. Do lema de nossa bandeira - Ordem e Progresso - a ordem se consubstancia no preceito constitucional "todos são iguais perante a lei", mas o Progresso, na realidade, atinge a poucos.

Todas essas considerações aonde nos levam? A uma fundamental pergunta: tendo em conta a miscigenação das raças ao longo de cinco séculos, o conseqüente pluralismo cultural existente e o envolvimento do país numa globalização econômica que disfarça a dominação do mais forte, o brasileiro dos 500 anos tem semelhança com o brasileiro do descobrimento? Pergunto de outro modo: qual a identidade do brasileiro de hoje, após 500 anos do seu descobrimento? Precisaríamos de outros 500 anos para descobri-la? Para reconhecê-la e respeitá-la, em todos os brasileiros, na sua igual dignidade?

Em Porto Seguro, os índios protestaram contra a invasão das suas terras, reivindicaram novas demarcações. Mas, sobretudo, nos cha-

maram a atenção para o mais grave problema: a não valorização da cultura indígena na formação da cultura brasileira. E manifestaram, de todas as formas, que a exclusão cultural tem sido mais violenta que a econômica. Tem-se tentado e até hoje não se tem conseguido a aprovação do projeto de lei para que se convertam em patrimônio nacional o vocabulário, os cantos, as lendas, as magias, a medicina e a culinária ameríndios. A cultura brasileira permanecerá pobre enquanto não incorporar o passado indígena, uma das múltiplas raízes da nossa identidade. Em sua obra-prima "Raízes do Brasil", Sérgio Buarque de Holanda interroga sobre uma identidade complexa e rica que se veio consolidando no Brasil, a partir da definição do brasileiro como o homem cordial. Assim já retratava Pero Vaz de Caminha na "Crônica do Achatamento", ao descrever o encontro dos portugueses das caravelas de Cabral com os índios: "Vieram-se logo a nós sem se esquivarem, abraçavam-se conosco e folgavam. Andavam mais mansos e seguros entre nós do que nós andávamos entre eles". Por que, 500 anos depois, passamos a enfrentar uma realidade em que o descendente do brasileiro do descobrimento e o de hoje não se abraçam e cada vez mais se estranham? Temos muito a caminhar para libertarmos dos modelos estrangeiros e valorizarmos mais a cultura autóctone.

Importante, no entanto, termos consciência de que o futuro não se constrói sem olhar para o passado. Nesse passado, com destaque sobre outros, encontramos os negros que nos deram o trabalho escravo, os portugueses que nos descobriam e, em primeiro lugar, o índio de quem foi tomada a terra.

► DOM EDUARDO KOAIK é bispo da Diocese de Piracicaba

CARTAS

"Parabéns à professora Varuna Viotti Victória, autora do artigo: 'Violência estimulada no horário das dezenove horas' e ao Jornal de Piracicaba, por publicá-lo no dia 8 de julho de 2000, à página A-3. Parece que as cenas de violência na TV não têm qualquer significado de mal para os dirigentes dos canais de televisão, artistas, governantes, autoridades e por que não dizer, até por uma boa parte do povo. Elas tornaram comum em todos os horários. Ninguém fez, faz e fará qualquer coisa para colocar um basta. A Professora diz no seu artigo: '...Gostariamos também que houvesse uma mobilização maior por parte de pais, professores, autoridades competentes no sentido de demonstrar que estão insatisfeitos com esta violência descabida mostrada diariamente na TV brasileira...' Pois bem, acho que a hora de tornar 'um sonho' em realidade está chegando. Vamos todos nós, os insatisfeitos, inconformados e indignados com a violência na TV, unirmos em uma 'Associação' para combatermos, de frente, esta grande ameaça".

Antonio de Oliveira Lobão

Jesus Cristo: contestador e libertador

"Como cristã e profissional da área da saúde, não posso omitir meu posicionamento favorável à postura digna, honesta e corajosa do Padre Otto Dana em relação ao uso do preservativo masculino. Isso não significa, em absoluto, estar de acordo com a promiscuidade sexual.

O que não se pode é simplesmente "fechar os olhos" diante do quadro estereotipado da proliferação das doenças sexualmente transmissíveis (DST), especificamente da Aids em nosso meio.

Há anos trabalho em seminários católicos e junto aos religiosos(as). Tenho por eles(as) profundo respeito, admiração e afeição. Junto deles(as) também tenho aprendido e crescido muito pela humanidade que trazem consigo. Dessa forma, não consigo compreender como a Igreja (instituição) possa, mais uma vez, ser tão radical - ditando um mesmo padrão de comportamento sexual - para o mundo católico como um todo, sem se preocupar com nossas diferenças sócio-econômicas culturais e, acima de tudo, com a dignidade do ser humano que precisa ser não apenas respeitada mas também resgatada nos dias de hoje.

Creio que a partir da Educação e da Fé a ciência e a religião podem, juntas, traçar um caminho mais harmonioso, mais humano e equilibrado para o povo de Deus que somos todos nós".

Heloisa Angeli é doutora em sexualidade humana pela Universidade de São Paulo (USP)

Quando o retorno à ética é necessário

"Assiste-se a um grotesco espetáculo na mídia, no falso brilhante das denúncias à desenfreada corrupção, que maltrata a sociedade brasileira. Isso ocorre diariamente, numa repetição que enfadonha, pois, a gente comum, que precisa e quer resultados, não mais crê em política e, menos, na Justiça. As conseqüências desse comportamento, da maioria dos cidadãos, põe em dúvida o regime democrático. O que vale ser honesto neste País? O que vale pagar impostos? O que vale ser participante? As respostas dadas são as mesmas, pois os cidadãos sentem na carne a insensibilidade, o cinismo e a hipocrisia a justificar o atual estado de coisas que vivemos. Será que vivemos?"

A cassação de alguns poucos deputados e de um senador poderá ser um bom indicio de que o País começa a tomar jeito, combatendo a corrupção e punindo seus autores. Mas, sempre o mas, é que ainda não dá para acreditar na sinceridade da maioria esmagadora dos parlamentares. Razões: continuam eles a ter favores à custa do povo, incompatíveis com a realidade brasileira; permanecem com dezenas de assessores para coisa nenhuma; influenciam na tomada de decisões das aplicações das verbas; mantêm, indecorosamente, veículo com motorista a cargo dos contribuintes e tantas coisas mais.

A indiferença, sintoma grave, dos jovens à política, aos políticos e à busca de soluções para os problemas da comunidade e do País, deve ser, com urgência, revertida. Aos jovens, o crédito ideal e a construção de utopias, o sonho ainda vivo e o amor, pelo dom de ser amado com intensidade.

Só com um verdadeiro "desvio padrão" do comportamento dos políticos, que refletem o poder, para valores iminentes ao homem (honra, dignidade, sinceridade, patriotismo, lealdade) se começará a reconstruir o Brasil, tanto almejado".

Jayme Vita Roso

QUEIMADA

O meio ambiente está de luto

LUÍS AMÉRICO CHITTOLINA

Que notícia ruim, péssima - revogada lei que proíbe queima da cana, que já era "muito brandida", pois previa a eliminação total dessas queimadas em 15 anos, para em seu lugar aprovar uma lei que é muito pior. Que choque! Ao invés de avançarmos, retrocedemos, caminhamos para trás.

É o "lobby" liderado por algumas mentes limitadas e arcaicas sob o pretexto de defender os sofridos fornecedores de cana.

Para nós da população, infelizmente, esta é uma técnica que empobrece e continua a empobrecer seus próprios solos, poluem nossa atmosfera com fuligens e gases tóxicos, ocasionando com isso graves problemas respiratórios e que matam de forma cruel, ano após ano, todas as espécies de seres vivos que no canavial habitam: microorganismos (essenciais para a fertilidade do solo), pássaros os mais variados (codorna, nambu, pombas, rolinhas...) e animais de espécies diferentes (cobra - excelente para controle de pragas, coelhos, cachorro do mato, capivaras, veados...). Falo isto com conhecimento de causa.

Trabalhei alguns anos no setor sucro-alcooleiro e vi o que é crime ambiental.

Não poderia deixar de citar o desperdício que é queimar toda "palhada", já que nela existe um potencial energético maior que o do próprio bagaço. Vale lembrar que estamos vivendo um momento delicado na geração de energia. A venda desta energia produzida através da queima da palha poderia ser repassada para o próprio produtor. Mas como aqui ninguém se me-

xe, um grupo português resolveu investir pesado nesta área.

É, parece que os burros, citados em piadas, não são eles, mas alguns que convivem conosco.

Bem, gostaria aqui de explicar como ocorre a queimada no canavial ou crime no canavial, melhor definindo! Ateia-se fogo no canavial, circundando-o totalmente, por volta das 18 e 19 horas, quando não há muito vento, e é mais fácil o controle do fogo. Essa técnica não deixa uma única "porta" para os animais escaparem. O fogo corre para o centro do canavial. Para piorar, é nesse horário que a maior parte dos animais retorna para seus ninhos e tocas. Então dá para imaginar o que acontece. Se já não bastasse isso, ainda existe a utilização de herbicidas. Dessa maneira, não há ser vivo que resista. É por isso que hoje em dia é fácil observarmos pombas do mato, rolinhas, pássaros típicos do campo, que não encontrando condições de sobrevivência tentam se adaptar na cidade.

É interessante notar que muitas pessoas chocaram-se com a notícia da poluição que matou milhares de peixes na Lagoa Rodrigo de Freitas (RJ). Mas algumas dessas mesmas pessoas não têm o mesmo sentimento em relação aos animais mortos pela queima da cana. E eu sei por quê. É porque quando os olhos não vêem o coração não sente. Estou dizendo isso não só com relação às queimadas, mas com relação aos abate-douros de bovinos e suínos. O que acontece em Piracicaba e região é um dos

maiores crimes ambientais existentes em nosso país.

Como presidente da Sociedade Piracicabana de Proteção aos Animais gostaria de esclarecer a todos que direta ou indiretamente estão ligados a esta causa, que não nos preocupamos apenas com cães e gatos, mas sim com todos os animais que fazem da nossa biodiversidade uma das nossas maiores riquezas, tão importante para a preservação da própria humanidade.

Mas tudo isso pode ser revertido com a participação da comunidade, exigindo um plebiscito que irá dizer, de uma vez por todas, se a população quer ou não a continuidade da queimada. Com certeza, não. As autoridades que façam a vontade da grande maioria.

É um absurdo um pequeno grupo, que tem a cabeça na Idade Média, prejudicar toda uma cidade em favor do lucro a qualquer custo.

Imaginem nossa cidade sendo pouco a pouco substituída por outras culturas como cereais, frutos, flores nos terrenos piores para a cana. Seria a monocultura saindo de cena.

Tudo isso ainda não implantado por alguns motivos: acomodação, falta de vontade, mentes retrógradas.

Termino enfatizando que enquanto cidadão e presidente da Sociedade Piracicabana de Proteção aos Animais minha luta continuará, esclarecendo a população e os próprios agricultores sobre o absurdo de se continuar queimando cana.

► LUÍS AMÉRICO CHITTOLINA é presidente da SPPIA

DESABAFO

Multas: a mesma história todos os dias

ANGELA REGINA BUSCARIOLO

Todos os dias a Central de Atendimento ao Leitor (CAL) do Jornal de Piracicaba recebe reclamações sobre os excessos cometidos pelos agentes contratados pela Secretaria Municipal de Trânsito e Transporte (Semutran) para fiscalizar o trânsito. Todos os dias, no meu papel de editora de Cidades do JP, peço que sejam ouvidas as pessoas e representantes da Semutran para, em seguida, poder publicar as reclamações, atendendo assim o princípio básico da Central, que é ouvir o leitor.

Todos os dias, todos os dias. A repetição da história de excesso de multas, levou embora minha indignação contra o abuso praticado diariamente nas ruas. Fiquei um pouco insensível, até mesmo quando fui multada (há alguns meses) não me senti ultrajada e acabei pagando. Mas ontem, saindo do meu papel de editora

e de profissional senti minha indignação contra os abusos e contra os excessos voltar com fúria total. Graças a Deus. Afinal uma das principais características de um jornalista deve ser a capacidade de indignar-se.

O motivo desta retomada foi ter presenciado uma pessoa sendo multada. Ela havia deixado o carro estacionado corretamente, com o cartão exigido e tinha ido trabalhar. Apenas esqueceu de marcar um X no local em que está escrito *Tempo Permitido (1 hora, 2 horas ou 4 horas)*. No momento em que viu a multa, essa pessoa, de quem prefiro preservar o nome, porque as represálias de gente que se considera autoridade sobre os menos afortunados é muito comum neste país, desabou. "Economizo cada centavo para poder dar o melhor para meus filhos, nem almoço, às vezes, para poder ter

mais dinheiro no fim do mês e agora isso?", lamentava, sentindo-se até mesmo culpada. "Não devia ter parado aqui", arrendia-se. Isso sem contar que na hora de estacionar precisou enfrentar os insistentes "fanelinhas" que ameaçam quem não "ajuda".

No momento em que vi tudo isso, pensei: será que estou errada? Será que a multa é válida? Afinal ela esqueceu de marcar quantas horas deveria ficar. Mas rapidamente as dúvidas se foram e, com toda a minha indignação, gostaria de gritar forte e alto para o mundo ouvir: Chegaaaaa!!!!!!!!!!!!!! Alguém, por favor, faça alguma coisa, impeça que estas e todas as outras injustiças aconteçam. Nunca mais quero que a repetição das injustiças feche meus olhos para o que é certo.

JORNAL DE PIRACICABA

Gerente Administrativo-Financeiro Antonio Carlos Copatto	Editor Responsável Joacir A. Cury (18.391)
Editora Executiva Angela M. Furlan Nolasco (Mtb 11.751)	Chefe de Redação Rosemary Bars Mendez (Mtb 16.694)
Administração, Redação e Publicidade: Av. Com. Luciano Galdoni, 2525 - Cep 13.424-500 - Piracicaba - SP. Fone: PIRAC (019) 430-4000 Fax: (019) 430-4100 (Administração) - (019) 430-4102 (Comercial) - (019) 430-4102 (Redação) Filial: Rua Moraes de Barros, 855 - Cep 13.400-356 - Piracicaba - SP Fone: PIRAC (019) 430-4000 - Fax: (019) 430-4004 E-mail: eletronic@piracicaba.com.br Fontes de notícias: Agência Estado e Agência Brasil Filial: ANI - ALAP, SINDICATISP - AET Sucursal: São Paulo: Av. Brigadeiro Faria Lima, 1451 - 11º - Cj 111 - Cep 01451-008 - São Paulo Fone: (011) 216-8021 - Fax/Modem: (011) 814-6386	
Linha Direta com o Leitor CAL - Central de Atendimento ao Leitor: DDG-0800-552555 Tronco-chave: 430-4000 Assinatura: 430-4010 Tele-retoque: 430-4020 Publicidade: 430-4100 Tele-anúncio: 430-4040	

"Não concordo com uma só palavra do que dizeis, mas defenderei até a morte o vosso direito de dizê-lo"
Voltaire